



# A formação do acervo da Biblioteca Alberto Nepomuceno da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro

*Dolores Castorino Brandão\**

## **Resumo**

Apresenta o início da formação do acervo da Biblioteca Alberto Nepomuceno da Escola de Música – UFRJ a partir do exame dos livros de registro e inventários contidos em seu acervo. Relaciona os doadores de obras de 1890 a 1923, destacando os nomes de Leopoldo Miguéz e Alberto Nepomuceno, discorrendo sobre o trabalho desenvolvido por eles na organização de seu acervo. Identifica as principais coleções, registrando sua origem e procedência.

## **Palavras-chave**

Acervos – biblioteca – Leopoldo Miguéz – Alberto Nepomuceno – partituras manuscritas – instrumentos musicais.

## **Abstract**

It investigates the beginning of the formation of the library of the Alberto Nepomuceno Library of the School of Music – UFRJ from the examination of the books of record and inventories contained in its collection. It lists the most important donors between the years of 1890 and 1923 highlighting the names of Leopoldo Miguéz and Alberto Nepomuceno and the work developed by the former directors in the organization of the Library. It identifies the main collections registering their origin and origin.

## **Keywords**

Collections – library – Leopoldo Miguéz – Alberto Nepomuceno – handwritten sheet music – musical instruments.

Em 2018, quando a Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro celebra 170 anos de fundação, a Biblioteca Alberto Nepomuceno (BAN), a primeira biblioteca especializada em música do Brasil, participa desta história não apenas por ser depositária de um acervo raro que guarda parte significativa da memória musical brasileira, mas por ter uma identidade própria que foi escrita justamente por ela pertencer a uma instituição considerada patrimônio nacional. Uma história

---

\*Biblioteca Alberto Nepomuceno, Escola de Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Biblioteca Mercedes Reis Pequeno da Academia Brasileira de Música, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: docastorinobrandao@gmail.com.



que ao longo dos anos tem contribuído para a construção da própria história da música no Brasil.

A Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro foi fundada em 1848 por Francisco Manoel da Silva, com o nome de Conservatório de Música. Suas atividades tiveram início no salão do Museu Nacional no Campo da Aclamação, hoje Praça da República. D. João VI havia desapropriado a casa de João Rodrigues Pereira, mais tarde Barão de Ubá, para instalar o Museu Real, que abrigou não só o Conservatório (1848), mas a Academia Imperial de Belas Artes (1822).

Em 1854, o Conservatório foi anexado à Academia Imperial de Belas Artes, que funcionava em sede própria, e foi demolida mais tarde para a abertura da avenida Presidente Vargas. Em 1872, ainda anexado à Academia, o Conservatório adquire uma sede própria na rua da Lampadosa, hoje Luiz de Camões, onde atualmente funciona o Centro Cultural Hélio Oiticica. E finalmente em 1913, muda-se para a sua 4ª e atual sede, um prédio antes ocupado pela Biblioteca Nacional em 1910, na rua Joaquim Nabuco, nº 70, hoje rua do Passeio, nº 98, no bairro da Lapa. Criada como Conservatório Nacional de Música em 1848, a Escola, ao longo de sua história, mudou de nome três vezes. Em 1890, com a República, passou a se chamar Instituto Nacional de Música. Em 1937, tornou-se Escola Nacional de Música, e em 1965 passou a integrar a Universidade Federal do Rio de Janeiro, passando a Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sua atual denominação.

O discurso proferido por Francisco Manoel da Silva na inauguração do Conservatório deixa claro que o seu objetivo era criar um estabelecimento oficial que servisse como referência para o ensino de música no Brasil.

Solemne é o objetivo que hoje nos reúne. O dia da inauguração do primeiro Conservatório de Música, instituído no Brasil... A criação de um Conservatório de Musica na capital do Império, Sres., era uma necessidade de há muito reclamada pelo progresso da nossa civilização; foi como uma missão que os nossos antepassados nos quizerão legar a gloria de desempenhar é um dever sagrado que temos de cumprir, e um serviço que a posteridade nos deve levar em conta. (De Paola e Gonzalez, 1998, p. 22)

Durante décadas, a Instituição foi o expoente máximo do ensino musical no país, reunindo as principais figuras da história musical brasileira e foi esse destaque da Instituição no cenário musical brasileiro que determinou a formação do acervo da Biblioteca. A Escola de Música da UFRJ é detentora de um dos mais ricos acervos de música do Brasil e da América Latina. A coleção é constituída por cerca de 160 mil obras que abrangem do erudito, profano e sacro ao popular, formado por partituras



manuscritas, partituras impressas, obras raras a partir do século XVI, documentos históricos, coleções de periódicos, livros, teses, acervo iconográfico e fonográfico.

### **A origem da coleção**

A Coleção da BAN remonta a meados do século XIX com a criação do próprio Conservatório. As doações foram iniciadas por professores, alunos e músicos. Em um Livro de Atas foi registrada a primeira doação: uma coletânea de 12 valsas, feita por Francisco Xavier Boaventura, em 25 de maio de 1848.<sup>1</sup>

No Estatuto do Conservatório de Música de 16 de julho de 1875, encontra-se a fonte impressa mais antiga sobre a existência do acervo de livros e partituras, conforme consta no capítulo II, artigo 9, referente às incumbências do Secretário – “cuidar do inventário de todo o repertório musical, da Biblioteca e do arquivo do Conservatório, que ficam a seu cargo, devendo inscrever em um livro competente toda essa propriedade do estabelecimento”.

O Decreto nº143, de 1890, que extinguiu o Conservatório e criava, nesse mesmo ato oficial, o Instituto Nacional de Música, revela a existência de uma biblioteca e de instrumentos musicais. O artigo 14 do Decreto determina: “A biblioteca, o arquivo, os instrumentos, os móveis e todos os utensílios pertencentes ao extinto Conservatório, passarão a ser propriedade do Instituto Nacional de Música”.<sup>2</sup> Já naquela época a BAN possuía um grande acervo que foi identificado e registrado no primeiro livro de tomo e registro da Biblioteca.

### **Um olhar nos livros de registros**

A formação original do acervo pode ser compreendida, assim, a partir do exame nos livros de registros, tomo e inventários da Biblioteca. Organizados predominantemente por ordem de chegada, apresentam um precioso conjunto de informações que arrolam os dados de descrição e de proveniência do acervo. As obras tombadas foram identificadas com o carimbo do Instituto e receberam o número de registro e a data do tomo patrimonial. Não constam no acervo obras com o carimbo do Conservatório.

Em uma formulação muito breve, pode-se afirmar, entre outros aspectos, que a principal característica da formação do acervo foi o recebimento de grandes espólios musicais, doados por músicos ou por seus herdeiros. Verifica-se também a incorporação de acervos de outras instituições de música que foram encaminhados para a Biblioteca da Escola, como foi o caso da Fazenda de Santa Cruz e do Imperial

<sup>1</sup> Braga, Mary Hugo. [História da Biblioteca Alberto Nepomuceno]. Rio de Janeiro, s.d. 10 p. datilografadas.

<sup>2</sup> BRASIL. Decreto nº 143, de 12 de janeiro de 1890. Extingue o Conservatório de Música e cria o Instituto Nacional de Música. Decretos do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, fasc. 1 (1 a 31 de janeiro de 1890).



Teatro São Pedro de Alcântara da Sociedade Campesina, Sociedade Philarmonica Euterpe, Sociedade de Concertos Sinfônicos.

Nos seis livros existentes na Biblioteca, que abrangem o período de 1890 a 1923, nota-se a influência e o zelo dos diretores do Instituto em relação à BAN: os dois primeiros são de autoria de Leopoldo Miguéz, os três seguintes foram criados ou organizados, provavelmente, por iniciativa de Alberto Nepomuceno e o último elaborado por Fertin de Vasconcellos.

Cabe salientar que os documentos analisados aqui se configuram em apenas um início dentre muitas outras possibilidades que podem ser abordadas por uma investigação mais apurada no trato das fontes históricas.

O Livro nº 1 (1890) – Livro Inventário (Instituto Nacional de Música, 1890-1895). Até 2013 acreditava-se que o registro do acervo teve início em 1891. Entretanto, estudo recente revela a existência de um livro anterior, iniciado em janeiro de 1890 (cf. Brandão, 2013). No mesmo mês em que Leopoldo Miguéz assume a direção do Instituto, começa a ter maior controle sobre o seu acervo, passando a relacionar as doações de livros, partituras, instrumentos musicais e outros objetos pertencentes ao Instituto Nacional de Música, preocupando-se em registrar também o nome de seus doadores. O livro nº 1 foi destinado a documentar o acervo patrimonial do Instituto pertencente à Biblioteca, ao Museu e ao Gabinete de Acústica.

Assim, traz uma lista completa dos primeiros doadores: Leopoldo Miguéz, principal doador, José Rodrigues Barbosa, Alberto Nepomuceno, João dos Santos Couceiro, Ignácio Porto-Alegre, Carlos de Mesquita, Alfredo Fertin de Vasconcellos, Arthur Napoleão dos Santos, Alexandre Levy, Francisco Alfredo Bevilacqua, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, João Rodriguez Côtéz, Miguel Cardoso, Felix de Otero, Ramon Galvan, Loni Gillan, João Carlos Brandão, Paulo Duque Estrada Meyer, Henrique Bernadelli, Angelo Bevilacqua, Rodolfo Bernadelli, Vieira Machado, J. Batista Motta, Frederico Nascimento e Delgado de Carvalho.

O Livro nº 2 (1891) – Livro de Registro (Instituto Nacional de Música, 1891). Apresenta na primeira página o Termo de Abertura escrito e assinado por Miguéz: “Contém este livro que se destina ao registro de todas as obras pertencentes à Bibliotheca e ao Archivo deste Instituto – 250 folhas que são todas por mim rubricadas. Capital Federal, 2 de Janeiro de 1891, o Director Leopoldo Miguéz”.

São relacionadas, de próprio punho por Miguéz, 3.137 obras oriundas do Conservatório com o propósito de serem incorporadas ao Instituto. O objetivo era registrar somente o acervo da biblioteca – livros, periódicos, partituras e documentos.



O Livro nº 3 e nº 4 (documentos não datados, possivelmente escritos entre 1906-1916) – Livros Inventários – Catálogos (Instituto Nacional de Música, [1906-1916?]). Embora o autor dos livros não seja identificado nas obras, provavelmente eles foram organizados por Alberto Nepomuceno ou sob sua orientação. Segundo Pereira (2007, p. 199) foi na segunda gestão de Nepomuceno como diretor do Instituto (1906-1916) que foi instituído o inventário anual de todo o acervo.

Observa-se que os livros foram elaborados como um catálogo sistemático de bibliotecas. Ambos possuem um índice por assunto em ordem alfabética de autor e título da obra, informando, pela primeira vez, sua localização na estante. O livro nº 3 relaciona a Coleção de manuscritos do padre José Maurício e arrola as composições contemporâneas publicadas pelas revistas *La Musique Contemporaine* e *Álbum Música* (629 títulos em 96 suplementos). O livro nº 4 relaciona as obras oriundas dos teatros, a Coleção Guilherme de Mello e as partituras manuscritas e impressas de compositores brasileiros e estrangeiros.

É curioso notar que os dois livros são anteriores à criação do primeiro catálogo em fichas da BAN, instituído e escrito em grande parte por Nepomuceno. As informações contidas nos livros foram transcritas para o catálogo sistemático, reforçando assim a hipótese de eles terem sido escritos pelo então diretor do Instituto.

O Livro nº 5 (1908) – Livro Inventário – Catálogo (Instituto Nacional de Música, 1908). Em semelhança ao primeiro livro de registro, este também possui um termo de abertura que possibilita assegurar com precisão seu autor e a data em que foi iniciado: “Destina-se ao inventário de todas as partituras de óperas, operetas, bailados, pantominas, piano, canto pertencentes à Bibliotheca d’este Instituto. O director Alberto Nepomuceno, 9 de fevereiro de 1908”.

O Livro nº 6 (1923) – Livro de registro de doações (Instituto Nacional de Música, 1923). Foi organizado por Alfredo Fertin de Vasconcellos, em 15 de fevereiro de 1923.

Dos nomes relacionados nos livros, marcam presença no acervo, pelo volume de obras doadas, pelo trabalho realizado na organização da Biblioteca e pela influência histórica junto à Instituição: *Leopoldo Miguéz (1850-1902)*. Conforme dito anteriormente, Leopoldo Miguéz foi o maior doador de obras à Biblioteca.

Em 18 de janeiro de 1890, o compositor é nomeado diretor do recém-criado Instituto. Observa-se em sua administração o caráter de um homem sério e visionário. Sua administração foi profícua e realizadora, porque “Miguéz, como reformador, foi uma espécie de interventor, mas era, porém, um idealista sincero que tentava a todo transe introduzir um projeto estético e pedagógico numa casa de ensino, que ostentava embrionária fraqueza” (Pereira, 2007, p. 77). O caráter de Miguéz e sua



determinação em transformar o Conservatório em um modelo de instituição para o Brasil é refletido em suas ações junto aos acervos do Instituto.

Segundo Vidal, Miguéz encontrou na biblioteca do Conservatório de Música um amplo acervo, mas não muito atualizado, o que levou o então diretor a investir pessoalmente em novas aquisições.

O que é notável, contudo, e revelador para nosso estudo, é que Miguéz levou a cabo tal ampliação não com base em aquisições através da instituição, mas ao contrário através da doação ao Instituto de uma considerável, em tamanho e qualidade, coleção particular sua. (Vidal, 2014, p. 207)

Ao que tudo indica pelo exposto nos livros de registro e nos relatórios, pode-se considerar que Miguéz doou ao Instituto sua biblioteca particular de livros, partituras e instrumentos musicais. Estima-se que o acervo doado em vida por ele contemple mais de 200 obras, sendo também responsável pelo surgimento de algumas de suas mais expressivas coleções.

*Coleção de obras raras.* A BAN possui um rico acervo de obras raras, que inclui tratados teórico-musicais que representam o que há de mais importante para a Teoria e História da Música, desde o século XVI, com Zarlino, passando por Descartes (séc. XVII), Rameau e Padre Martini (século XVIII) chegando a Fétis (século XIX).

A maior parte das obras foi doada pelo compositor em 1893. O livro relaciona 42 obras escritas entre os séculos XVI e XVII. Cabe aqui destacar algumas exceções: *Traite de l'harmonie reduite à des principes naturels* (Philippe Rameau, 1772), o livro foi o primeiro tratado de harmonia impresso no mundo; *Esenplare a sia saggio fondamentale pratico di contrappunto sopra il canto fermo* (Giovanni Battista Martini, 1774-1775), ambos doados ao Instituto Nacional de Música em 30 de agosto de 1893 por Angelo Bevicacqua e a *Parafraasi sopra Salmi* (Marcello Benedetto, 1724), doado por Alberto Nepomuceno.

*Partituras manuscritas.* O acervo é identificado pelo carimbo “Miguéz”, fato que de um modo geral não foi constatado em outras obras doadas pelo compositor. Incluem manuscritos de Carlos Gomes – *Inno del primo centenario dell'indipendenza americana* e *À Camões: Inno trionfale*, recentemente inscrito no Programa Memória do Mundo da Unesco.

A coleção de partituras manuscritas inclui ainda 41 obras de autoria de Miguéz, dentre as quais os autógrafos de suas principais obras: *Sinfonia em si bemol, Parisina, Ave Libertas, Prometheus, Os Saldunes* e o *Hymno da Proclamação da República*.



Identifica-se também um volume significativo de obras de variados assuntos nas doações à Biblioteca, como periódicos raros, partituras para canto, piano, árias antigas, óperas, métodos de solfejo, orquestra e música de câmara.

Finalmente, há que se destacar as doações de instrumentos musicais, objetos para o Museu e para o Gabinete de Acústica. O órgão de tubos da fábrica alemã de Wilhelm Sauer (1831-1916), adquirido com 20 contos de réis ganhos por ele como prêmio do concurso para escolha do novo hino nacional, que veio a se tornar mais tarde o *Hino da Proclamação da República*, a flauta doce, seu primeiro violino, a batuta usada por ele e a batuta do maestro Eduardo Mascheroni são algumas de suas doações.

*A coleção de manuscritos do Padre José Maurício Nunes Garcia.* Muito embora o acervo de manuscritos de José Maurício não tenha sido doado por Miguéz, sua atuação à frente do Instituto foi fundamental para essa aquisição. A coleção é formada por manuscritos de diferentes origens, mas a maior parte é originária do acervo de Bento Fernandes das Mercês (1805-1887), antigo copista da Capela Imperial do Rio de Janeiro. A coleção foi vendida em 1897 por sua sobrinha, Gabriela Alves de Souza, para o Instituto Nacional de Música, na gestão de Leopoldo Miguéz.

Deve-se à administração Miguéz a aquisição de obras manuscritas do padre mestre José Maurício Nunes Garcia: “Lei nº 490 de 16 de 12 de 1897 – Orçamento crédito de 2.000\$000 (dois contos de réis) para compra de livros. Será adequada à coleção Gabriela Alves de Souza, que consta de 112 do Padre José Maurício Nunes Garcia para o Instituto Nacional de Música. (Baptista Siqueira, 1972, p. 67)

Estima-se que José Maurício tenha produzido cerca de quatrocentas obras. A BAN é detentora da maior coleção de manuscritos autógrafos e de cópias manuscritas da obra do compositor, sendo esta a sua principal coleção.

Ressalta-se que o trabalho realizado pela musicóloga Cleofe Person de Mattos em reunir, identificar e catalogar os manuscritos, partituras e partes da Coleção foi fundamental para a organização e preservação do acervo (cf. Mattos, 1970).

*José Rodrigues Barbosa (1857-1939).* Segundo Luiz Heitor (1956, p. 201), José Rodrigues Barbosa participou ativamente da fundação do Instituto Nacional de Música e foi na sua época o crítico mais acatado do Rio de Janeiro. Estudos recentes têm demonstrado o impacto de sua atuação na formação do pensamento crítico e historiográfico-musical brasileiro (Volpe, 2007). Rodrigues Barbosa consta no livro de registro (1891) como o primeiro doador, no qual são relacionadas cerca de 120



obras oriundas de sua doação, que abrangem história da música, teoria da música, partituras para canto, para piano e para outros instrumentos.

*Alberto Nepomuceno (1864-1920)*. Seguindo os passos de Leopoldo Miguéz, Alberto Nepomuceno concentrou grande esforço durante sua administração como diretor do Instituto na organização da biblioteca e no desenvolvimento de sua coleção. Seu nome começa a figurar no livro de inventário de Miguéz (1890), constando como sua primeira doação oito volumes da *Biographia universelle des musiciens et bibliographie générale de la musique* (Fétis, 1883-1884).

Pereira (2007) destaca que a formação intelectual e musical de Nepomuceno e de Miguéz explica o zelo demonstrado pelos dois diretores em relação à biblioteca. Para ambos, a biblioteca do Instituto era um elemento fundamental à realização do trabalho de formação musical.

Cabia à biblioteca e ao arquivo, não só a guarda de um acervo que constituísse a memória musical do país – como se verifica no momento da aquisição dos manuscritos de José Maurício –, mas também a contínua atualização frente à cultura musical ocidental, incorporando um vastíssimo repertório de obras clássicas e modernas – em especial as alemãs e francesas –, além de periódicos musicais de diversas procedências, que de outra maneira não poderiam chegar às mãos dos artistas, professores e alunos. (Pereira, 2007, p. 197)

Nepomuceno foi diretor do Instituto em dois diferentes períodos, entre 1902 e 1903, o primeiro mandado, e de 1906 a 1916, quando empreendeu uma série de modificações no Instituto e transferiu a sede da rua da Lampadosa para a atual, na rua do Passeio, em 1913. Foi também na sua segunda gestão que ficou evidenciado, através dos registros e relatórios, o interesse dele pela biblioteca. Segundo Pereira (2007, p. 199), pode-se supor que Nepomuceno, ao transferir seu gabinete de diretor para as dependências do setor, pretendia “zelar melhor pela biblioteca, controlando a entrada e saída de obras, lendo e fichando os periódicos que chegavam, fiscalizando *in loco* o trabalho do bibliotecário e, principalmente, observando se, e o que, alunos e professores estudavam”.

Ao terminar sua gestão como diretor do Instituto, em 1916, Nepomuceno deixa como legado para a organização da Biblioteca, além de um grande número de obras doadas, vários livros de inventário, de registro e o catálogo de fichas manuscritos que foi durante décadas o único catálogo sistemático utilizado pelos bibliotecários, pesquisadores e demais usuários da BAN.





Em 1957, na gestão da maestrina Joanídia Sodré, a biblioteca é transferida do terceiro andar do edifício, onde atualmente está instalado o Salão Henrique Oswald, para novas acomodações no andar térreo. Em reconhecimento ao trabalho realizado pelo ex-diretor, a Escola dá o nome à sua biblioteca de Alberto Nepomuceno.

### **A formação das principais coleções do acervo**

Além dos doadores mencionados, verifica-se também na formação do acervo o recebimento de coleções doadas por instituições de música e sociedades musicais que, ao encerrarem suas atividades, tiveram seus acervos ou partes deles encaminhados e incorporados à Biblioteca, como foi o caso da Fazenda de Santa Cruz e do Imperial Theatro São Pedro de Alcântara.

*O acervo da Fazenda de Santa Cruz.* A Real Fazenda de Santa Cruz era uma antiga propriedade da Companhia de Jesus, abandonada após a expulsão dos jesuítas do Brasil, passando depois a pertencer à Coroa portuguesa. O local tornou-se um refúgio de D. João em seus longos períodos longe da corte (cf. Cardoso, 2008).

Segundo Azevedo (1956) o ensino musical exercido nas casas da Companhia atingiu sua maior perfeição na Fazenda de Santa Cruz, onde funcionava um conservatório de música.

Na Fazenda funcionou um “verdadeiro conservatório, onde alunos não eram mais índios, porem negros escravos, que tinham orquestra, coros, desincumbiam-se da parte musical dos ofícios sacros e representavam pequenas óperas”. (Azevedo, 1956, p. 13)

Cardoso (2008) esclarece que em Santa Cruz existia um acervo de partituras destinadas à execução das obras. Os livros de registros atestam a proveniência da fazenda de Santa Cruz de obras de Marcos Portugal e outros compositores. Integram o acervo, além das obras sacras de Marcos Portugal (dentre elas a *Matinas de Natal*), obras de Giovanni Giuseppe Baldi (*Messa*), de Vincenzo Bellini (*Sinfonia nell’Opera Bianca e Fernando*), de Lorenzo Salvini, (*Abertura*) e de Gaetano Donizetti (*Lucrezia Borgia*).

*A coleção de manuscritos do Real Theatro São João, Imperial Theatro São Pedro de Alcântara.* Além do primeiro livro de registro (1891) relacionar os títulos das obras, o livro nº 3 destaca as 280 partituras, em sua maior parte manuscritas, provenientes do Conservatório, que faziam parte dos acervos do Imperial Theatro São Pedro de Alcântara e de outros teatros brasileiros.



O Real Theatro São João, Imperial Theatro São Pedro de Alcântara, inaugurado em 1813, foi em sua época o mais expressivo teatro de ópera do Rio de Janeiro oitocentista. Integram a coleção do teatro, basicamente constituída de óperas de autores estrangeiros (quase todos italianos), compositores como Verdi, Donizetti, Bellini e Rossini sendo que a única obra conhecida de autor brasileiro encontrada nesse conjunto foi a *Joana de Flandres*, de Carlos Gomes. Esse livro possui a peculiaridade de formar uma coleção mista de partituras e partes manuscritas e impressas, muitas vezes intercaladas e costuradas umas às outras. Os carimbos, aparentemente de épocas diversas, “I. Theatro” e “Material de Theatro” e anotações encontradas em suas páginas revelam sua procedência italiana e sua trajetória por cidades europeias; os nomes assinalados de pessoas, desenhos e comentários jocosos registram cantores e músicos e retratam comportamentos e situações sociais da época. Cabe observar a presença de outros carimbos no material, como o da Sociedade Campesina, o da Sociedade Phil Euterpe e o do compositor Miguéz.

Philip Gossett, uma das maiores autoridades em ópera italiana e coordenador das novas edições críticas de Rossini e Verdi para as editoras Ricordi e Barenreiter, destacou a importância do acervo, lembrando que durante a 2ª Guerra muitos arquivos foram destruídos na Europa e, por isto, as coleções de fora da Itália tornaram-se extremamente relevantes. Ele afirmou “A partir de agora, as edições críticas não poderão passar ao largo do acervo da Biblioteca Alberto Nepomuceno”.

*O acervo de manuscritos autógrafos dos principais compositores brasileiros dos séculos XVII a XIX.* Estimado em aproximadamente 8 mil títulos, com 50 mil volumes, representa a coleção mais valiosa da Biblioteca.

Uma parte importante do acervo, conforme já mencionado, foi formada através do recebimento de espólios doados por músicos renomados ou por suas famílias, dentre os quais se destacam os nomes de Leopoldo Miguéz, seu principal doador, Arcangelo Fiorito, Alberto Nepomuceno, Henrique Oswald, Henrique Alves de Mesquita, Francisco Braga e, mais recentemente, Glauco Velásquez, Luciano Gallet, José Siqueira e Cleofe Person de Mattos. Uma exceção são os manuscritos do padre José Maurício Nunes Garcia cuja coleção, como já dito, foi vendida ao Instituto Nacional de Música em 1897.

Além das grandes coleções, outros compositores marcam presença no acervo: Francisco Manoel da Silva, cujo manuscrito original do Hino Nacional Brasileiro pertence ao acervo, o Imperador D. Pedro I, Carlos Gomes, Villa-Lobos e Francisco Mignone constituindo um verdadeiro painel da história da música no Brasil. Podemos destacar também no acervo *In Dominica Palmorum*, de Manuel da Silva Rosa (1793), o compositor carioca mais antigo identificado em arquivos de música.



*A coleção de instrumentos musicais do Museu Instrumental Delgado de Carvalho.* O acervo de instrumentos musicais começou a ser formado ainda no período do Império, no antigo Conservatório de Música, no entanto, a mais antiga referência da coleção de instrumentos musicais já denominada como museu foi registrada em uma publicação oficial intitulada “Notícia histórica dos serviços, instituições e estabelecimentos pertencentes a esta repartição” (Brandão, 2002, p. 68-75), do Ministério da Justiça e Negócios, ao qual, à época, o Instituto encontrava-se vinculado, conforme pode ser visto, a seguir:

O Instituto Nacional de Música tem um pequeno museu muito interessante e curioso, um gabinete de acústica regularmente montado, uma bibliotheca pequena, precisa ser ampliada em benefício do um órgão de 16 pés de Wilhelm Sauer, um pequeno órgão de estudo do mesmo autor e um instrumental para orchestra a que faltam duplicatas. (Brasil. Ministério..., 1898, p. 16)

O Museu foi criado em 1896 por Leopoldo Miguéz. No entanto, já em 1890, começa a registrar em seu livro de inventário o nome dos instrumentos musicais e de seus doadores. O Livro de Inventário de Miguéz, o Catálogo de Delgado de Carvalho, de 1905, os inventários realizados no Museu em 1973, 1974, 1990, 1994 e 2008 possibilitam identificar os doadores de muitos dos instrumentos.

Em 1902, Miguéz nomeia Delgado de Carvalho (1872-1921) como bibliotecário da Instituição, função que exerceu de 1902 a 1907. Relatando como se deu a nomeação do primeiro bibliotecário da Escola de Música, Maria Hugo Braga Pinto Coelho, ex-chefe da Biblioteca Alberto Nepomuceno (BAN), comenta em seu breve histórico sobre a BAN:

[...] não havia verba destinada à remuneração de um bibliotecário. Aceitou Leopoldo Miguéz o oferecimento que Joaquim Torres Delgado de Carvalho lhe fez, de exercer aquelas funções gratuitamente. O fato é comunicado ao Ministro, em aviso nº 506, de 29 de abril de 1902. Em decreto de 16 de março de 1903 foi efetuada a nomeação respectiva, a título efetivo, com vencimentos. (Braga, 1973, p. 5)

Como parte de suas atribuições, coube também a ele a responsabilidade de gerenciar e catalogar as obras do museu instrumental e do gabinete de acústica. Somente anos mais tarde, na gestão de Baptista Siqueira, 1971-1975, o Museu recebe o nome de Museu Instrumental Delgado de Carvalho.



Não obstante a coleção não pertencer ao acervo da Biblioteca, em julho de 2008, na administração do professor André Cardoso frente à Escola de Música, o acervo do Museu Instrumental Delgado de Carvalho foi retirado das vitrines que ocupavam o corredor e transportado para a biblioteca que ficou com a sua guarda (Brandão, 2008, p. 50). A medida tomada pelo diretor tinha como base o Regimento da Escola de Música de 1973, em vigor, que em seu artigo 278 determina que o museu é “anexo à biblioteca e ficará sob a fiscalização do bibliotecário, a quem incumbirá a guarda e conservação dos instrumentos musicais antigos e objetos relativos à música e será supervisionado por um professor titular indicado pela direção” (UFRJ, 1973, p. 103-104).

Com o acervo do Museu sob a guarda da Biblioteca Alberto Nepomuceno necessário se fazia o tratamento técnico do acervo a partir de sua identificação, trabalho esse desenvolvido com a assessoria de musicólogos da Escola. As 160 obras pertencentes à coleção foram inventariadas, registradas e inseridas na base de dados Minerva da UFRJ. Esse acervo do Museu ficou identificado na base Minerva como Coleção Museu Instrumental Delgado de Carvalho – CMIDC. O acervo atual é composto de 82 instrumentos musicais e 26 objetos (batutas, quadros, fotografias e outros). Abrange instrumentos desde o século XVIII até o século XIX. O inventário completo da coleção – acervo original do Museu a partir de 1890, obras extraviadas, nome dos doadores – pode ser consultado através do Inventário realizado em 2013 (Brandão, 2014, p. 79-107).

*Coleção Guilherme de Mello: o acervo de modinhas.* Guilherme Theodoro Pereira de Mello, bibliotecário interino, dando continuidade ao trabalho realizado por Nepomuceno, registra de 1928 a 1931 um total de 18.972 obras (cf. Braga, 1973). Ao longo de sua vida em Salvador, reuniu preciosa coleção de manuscritos e edições impressas de modinhas, lundus e música de salão. Comentando o fato, o especialista conterrâneo afirma:

Ao transferir-se para o Rio de Janeiro, em 1928, Guilherme Theodoro Pereira de Mello (1867-1932), o menino pobre que estudara música em sua cidade natal, Salvador, e que conquistara prestígio em sua época, levava para a biblioteca do Instituto Nacional de Música toda a sua preciosa coleção de modinhas. (Veiga, 2000)

O livro nº 4 (1906-1916) relaciona as obras doadas por ele ao Instituto Nacional de Música que veio a constituir mais tarde a Coleção Guilherme de Mello, estão presentes na coleção peças de autores consagrados como Gabriel Fernandes da



Trindade, Xisto Bahia e Carlos Gomes, assim como uma série de outras de autores anônimos que retratam a diversidade da música popular brasileira da época.

O acervo da Biblioteca Alberto Nepomuceno retrata parte da história da música do Brasil. A Coleção formada ao longo dos 170 anos de existência da Escola de Música da UFRJ forma um conjunto de documentos, unidos e interligados como uma única coleção, cuja unidade foi preservada pela própria história da Escola e sua atuação de grande relevância na música brasileira.

Neste contexto, foi fundamental o papel desempenhado pelos seus ex-diretores e bibliotecários que desde o início da formação do acervo atuaram com seriedade, de forma abnegada e criteriosa. Destaca-se os nomes de Leopoldo Miguéz, Alberto Nepomuceno, Guilherme de Mello, Alfredo Fertin de Vasconcellos, Baptista Siqueira, Luiz Heitor Correa de Azevedo, e mais recentemente, Mary Hugo Braga, Mercedes Reis Pequeno, que colaborou durante muitas décadas na organização da Biblioteca, André Cardoso, em sua gestão como diretor, e Maria Luisa Nery de Carvalho, bibliotecária durante mais de 30 anos, responsável pela catalogação do acervo de partituras manuscritas.

Deixo aqui registrado o meu agradecimento à Valéria Peixoto, querida amiga, pela revisão e a troca de informações na elaboração desta pesquisa. Este trabalho é dedicado à D. Mercedes Reis Pequeno que, ao partir em 2015, deixou seu legado na documentação musical do Brasil e nos corações daqueles que a amam e respeitam o seu trabalho.



## REFERÊNCIAS

- Azevedo, Luís Heitor Corrêa de. *150 anos de música no Brasil (1800-1950)*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956. 423p. (Coleção Documentos Brasileiros, v. 87).
- Braga, Mary Hugo Pinto. *A Biblioteca Alberto Nepomuceno*. Rio de Janeiro, 1973. Documento datilografado.
- Brandão, Dolores Castorino; Carvalho, Maria Luisa Nery. “Biblioteca Alberto Nepomuceno da Escola de Música da UFRJ: do raro ao virtual”. *Revista Brasileira de Música*, v. 22, p. 68-75, 2002.
- Brandão, Dolores Castorino. *Representação documental de instrumentos musicais: contribuição para a organização do Museu Instrumental Delgado de Carvalho da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)*. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Políticas de Informação e Organização do Conhecimento). Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em <http://objdig.ufrj.br/26/monograf/796553.pdf>. Acesso em 14 jun. 2013.
- Brandão, Dolores Castorino. “A organização do Museu Instrumental Delgado de Carvalho da Escola de Música da UFRJ a partir da representação documental de instrumentos musicais”. *Revista Brasileira de Música*, v. 27, n. 1, p. 113-144, 2014.
- Cardoso, André. *A música na corte de D. João VI*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2008.
- De Paola, Andrely Quintella; Gonzales, Helenita Bueno. *Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro: história & arquitetura*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
- Gossett, Philip. “Coleções de manuscritos de ópera italiana nos diversos países e o acervo da Biblioteca Alberto Nepomuceno da EM-UFRJ”. *Revista Brasileira de Música*, v. 28, n. 2, p. 247-263, jul-dez 2015.
- Mattos, Cleofe Person de. *Catálogo temático das obras do Padre José Maurício Nunes Garcia*. Rio de Janeiro: MEC, Conselho Federal de Cultura, 1970.
- Pereira, Avelino Romero. *Música, sociedade e política: Alberto Nepomuceno e a república musical*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.
- Siqueira, João Baptista. *Do Conservatório à Escola de Música: ensaio histórico*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1972.
- Universidade Federal do Rio de Janeiro. Centro de Letras e Artes. Regimento da Escola de Música. Boletim da Escola de Música. *Suplemento*. Rio de Janeiro, n. 5, 1º fev. 1973.



Veiga, Manuel. *Impressão musical na Bahia: um ensaio introdutório*. Salvador, 2000. Apresentado como relatório do projeto ao CNPq. Disponível em [http://www.nemus.ufba.br/artigos/imb.htm#\\_ftn1](http://www.nemus.ufba.br/artigos/imb.htm#_ftn1).

Vidal, João. *Formação germânica de Alberto Nepomuceno*. Rio de Janeiro: Escola de Música da UFRJ, 2014.

Volpe, Maria Alice. “José Rodrigues Barbosa: questões identitárias na crítica musical”. *Brasíliana* – Revista da Academia Brasileira de Música (Rio de Janeiro), v. 25, p. 3-9, 2007.

#### Fontes históricas

Brasil. Decreto nº 143, de 12 de janeiro de 1890. *Decretos do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro, 1890. Fasc. 1. Extingue o Conservatório de Música e cria o Instituto Nacional de Música.

Brasil. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. *Notícia histórica dos serviços, instituições e estabelecimentos pertencentes a esta instituição*: elaborada por ordem do respectivo ministro Dr. Amaro Cavalcanti. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898.

Instituto Nacional de Música. *Livro de inventário das obras*. 1890-1895.

Instituto Nacional de Música. *Livro de registro das obras*. 1891.

Instituto Nacional de Música. *Livros de inventários de obras*. Rio de Janeiro, [1906-1916?].

Instituto Nacional de Música. *Livro de inventário de obras*. Rio de Janeiro, 1908.

Instituto Nacional de Música. *Livro de registro de doações*. Rio de Janeiro, 1923.

DOLORES CASTORINO BRANDÃO foi chefe da Biblioteca Alberto Nepomuceno da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no período de 1988 a 2016, responsável pela organização do acervo de partituras manuscritas do maestro José Siqueira, BAN. Bibliotecária responsável pela Biblioteca Mercedes Reis Pequeno da Academia Brasileira de Música. Especialista em Políticas de Informação e Organização do Conhecimento (Convênio FACC, UFRJ e Arquivo Nacional, 2013), bacharel em Biblioteconomia e Documentação (1989). Publicações mais importantes: “Biblioteca Alberto Nepomuceno da Escola de Música da UFRJ: do raro ao virtual”. *Revista Brasileira de Música*, v. 22, p. 68-75, 2002; “Acervo da Biblioteca Alberto Nepomuceno da Escola de Música da UFRJ como fonte de informação para pesquisadores e estudantes de pós-graduação”. *Revista Interfaces*, v. 14, p. 89-95, 2008; “A organização do Museu Instrumental Delgado de Carvalho da Escola de Música da UFRJ a partir da representação documentária de instrumentos musicais”. *Revista Brasileira de Música*, v. 27, n. 1, p. 113-144, 2014.